S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 22 de fevereiro 1913 — ANNO XII — N. 179

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

CINISMO!

A' mentira de que se servem os propagandistas, responde a verdade partida dos labios e do coração daqueles que do Brasil fizeram sua segunda patria.

(*Do Correio da Manhã*).

O facto de terem as associações de trabalhadores enviado á Europa delegados seus incumbidos de protestar lá fóra contra a lei Gordo e fazer vêr aos proletarios que para aqui pretendam vir as verdadeiras condições de vida que os esperam, tem feito perder a calma e o ciso aos nossos impagaveis e bufos burgueses,

Pela voz dos seus arautos da imprensa expectoram cada uma!...

Então é mentira que se tenha votado uma lei com o intuito evidente de obstar a que os trabalhadores se associem para tratar dos seus mais legitimos interesses, diante da ganancia cada vez maior dos senhores capitalistas?

Será mentira dizer que aqui, nos campos cheios de bichos de pé, de tracoma, da malária, sob o calor tórrido do trópico, noventa por cento dos trabalhadores que para aqui veem, robustos e cheios de vida, no fim de alguns anos não são mais que uns esqueletos ambulantes?

Será ainda mentira fazer-lhes ver que nas fabricas e oficinas não se tira dez por cento de operarios que não estejam tuberculosos, cacheticos, na maior misera fisica, e que crianças de 8 e 9 anos aí trabalham dez e mais horas por dia?

Mentira tambem a deportação de trabalhadores, o assalto ás suas associações de classe, os esbordoamentos barbaros nas prisões por autoridades feroses e sem escrupulos quando se trata de bem servir os seus amos, muito alto colocados?

Pois ficai sabendo que continuaremos aqui e lá fóra a *mentir*, isto é a desmascarar-vos. Para isso já percorrem os diversos paizes fornecedores de escravos brancos homens que se riem das leis sceleradas do tipo Gordo e de quaisquer outros que a cobardia promulgue.

Quanto a ver o *artigueiro* a propaganda em Portugal partir «de associações operarias, isto é do meio social onde maior numero de adeptos conta o governo presidido pelo sr. Afonso Costa», nos mostra apenas a ponta do rabo de um destes bichos que vivem a lamber os pratos e a roer os ossos que os seus amos deixam cair da da mesa farta.

Nos centros italianos e espanhois farão o seu dever os nossos companheiros destes paises, não obedecerão a vis interesses, mas como homens que têm por missão arrancar as mascaras de abominaveis gosadores, de hipocritas sem escrupulo, de individualistas para os quais a vida de outro homem nada pesa na balança dos seus interesses,

Na França, neste centro de onde irradiam todas as ideias generosas, lá temos o grande orgam dos trabalhadores *A Batalha Sindicalista*, *Os Tempos Novos*, *A Guerra Social*, *O Libertario* e outros que nos ajudarão na tarefa, não havendo necessidade, nem a isto desceriamos, de entrarmos em conchavos com chefes de governo, pois todos trazem mais ou menos á mostra o mesmo rotulo. A experiencia já está feita.

Demais, quereis saber para onde temos neste momento voltadas as nossas vistas, é para estes companheiros mexicanos que, cançados de sofrer fome e miserias, quebraram as algemas e saltaram para a arena, e belos, altivos, impávidos, sob as dobras da — *Bandera roja*, pondo em prática o que se lê no alto da 1ª. pagina do seu orgam *Regeneracion*: «Viver para ser livre, ou morrer para deixar de ser escravo», carregam a fundo contra os exploradores de toda especie: tonsurados, agaloados, togados, encasacados e toda a corja de castrados que os sustenta.

Hugo resumiu numa palavra expressiva a suprema coragem de um heroi.

Pois é com a mesma palavra que respondemos a todos os cinicos que escrevem a tanto por linha.

Rio, 16 — 2 — 913

Adrecal.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

FARPAS

EMINENTE PATRIARCA

D. AMORIM CORRÊA

Eminencia, contrito, olhos razos de agua pela emoção que me causa a vossa mascula figura, eu vos saudo em nome da heresia satanica.

Li, sacrosanto patriarca, a vossa estafante carta pastoral que a *Gazeta*, muito prudente e num rasgo de louvavel altruismo, publicou em duas partes, para que não sucedesse que algum leitor, lendo de cabo a rabo a vossa estupenda peça estilistica, não sucumbisse, fulminado por uma apoplexia cerebral.

Patriarca emerito, eu vos confesso, rubro de vergonha, que achei simplesmente detestavel a vossa *soi-disant* pastoral, que mais me pareceu um refulgente artigo do vosso ilustre patricio, o sr. Joaquim Antunes, o colaborador mais graduado e constante das secções-livres dos jornais paulistas! Sim, eminente chefe de Igreja Nacional, a vossa pastoral é uma estupenda estopada. Ha ali de tudo: pedaços pateticos, rivalizando com a arrebatadora eloquencia de Lacordaire, trechos que recordam notas apressadas de reportagem mambembe, periodos que fazem lembrar tetricas scenas de dramalhões em seis actos, com a morte de todos os actores, e ha, por fim, a nota acentuada de que, quem aquilo escreveu, será capaz, para convencer o bispo ou outro qualquer rebelde, lançar mão do possante marmeleiro e, á antiga portugueza, dar pancada de escachar...

Patriarca ilustre, se o estilo é o homem, vós sois tão complexo, tão transcendental e tão inspirado que não podeis ser compreendido.

A leitura demorada, paulatina, sorvida aos poucos, para que melhor fosse gosada, deixou me esta convicção. Quiz meditar sobre essa tão maravilhosa peça de uma forma inegualavel, como quem, muito crente, se deliciasse e se edificasse com a leitura da "Imitação de Cristo", e conclui, ó sapiente patriarca de Itapira, que tudo quanto fazeis, todo o escandalo que pretendeis levantar em torno de vossa tão anti-patriarcal pessoa, visa apenas uma questão de estomago e de funcionamento de outros orgams e que, portanto, não passais de um atilado explorador...

Custa-me dizer-vos, ó Patriarca emerito, ó Sublime e Inspirada Eminencia, mas fostes vós mesmo que o confessastes, numa soberba franqueza quasi divina, que não quizestes aceitar uma outra paroquia que vos estava destinada, porque em Itapira tinheis algumas propriedades. Não quizestes, tambem, ficar vadiando em Campinas, porque o bispo, numa inclemencia que revolta, vos quiz dar apenas uma pensão de 200$000 réis por mez, o que é uma ninharia para um homem que quer gosar!

Ah! Que doce resurgimento do vero espirito cristão. Outróra o suposto louro Nazareno não tinha onde repousar a cabeça: o seu patriarca, sua Eminencia D. Amorim Corrêa, funda a verdadeira Igreja do Pobre Cristo em Itapira, porque é ali que tem as suas propriedades. Em tempos que bem longe vão, o vagabundo Rabbi, querido das mulheres e desprezado dos homens, vivia á custa daquelas, porque eram nulas as suas posses. Sua Eminencia, o Patriarca de Itapira, sustenta — oh! que rasgo elevado de um altruismo belo — a sua velha mãe e mais algumas pessoas envergonhadas ou desenvergonhadas, porque na pastoral não se declina o seu sexo!... Tudo isto vem contado na sagrada pastoral, que lemos com a maxima unção.

Naquelas ingenuas eras em que um cavalheiro qualquer subia ao céu e todo o mundo via sem assombro, o Cristo disse aos seus discipulos antes de empreender essa julio-vernesca viagem pelas nuvens: "ide, anunciai os Evangelhos", etc., e noutra passagem lhes aconselhava que não levassem em seu poder ouro e prata e que apenas vivessem da piedosa caridade dos seus proselitos. Hoje o Patriarca de Itapira não vai anunciar o evangelho em outros lugares, por causa dos prejuizos que lhe causa a sua remoção de Itapira, onde *tem propriedades*, e muito menos se contenta com duzentos "paus" que não lhe dão para nada. E, como o bispo não cede ao seu pedido, o Patriarca vai e funda a Igreja Nacional, estabelece a sua "venda", a sua "taberna" a sua "quitanda", com praridos de concorrencia aos luxuosos estabelecimentos vaticanescos!!...

Patriarca estupendo! Como até neste ponto vós sois dum harpagonismo que revolta e vêde, ó Sublime Eminencia, como o vosso procedimento contrasta flagrantemente com os motivos que levaram Lutero a restabelecer o verdadeiro Cristianismo, como os protestantes o entendem. O monge alemão revoltase, indignado, contra a sordida mercancia das indulgencias por Tetzel, porque compreendeu que era uma infamia uma igreja que só salvava as almas ingenuas á custa de dinheiro. No seculo XX o conego Amorim, sua Eminencia o Patriarca de Itapira, mundano que compreende as delicias da vida, funda a sua igrejola porque entende que precisa ganhar muito dinheiro e zelar pelos seus interesses materiais, em Itapira, porque é ali que tem as suas ricas propriedades!!!

Sublime reforma, a de D. Amorim: e eu só lastimo que correligionarios nossos, muitos dignos e muito inteligentes, entendam que se deve votar toda a simpatia a um sujeito que promove uma *fita* heretica, simplesmente por uma aberração e por questões de dinheiro.

Perdõe me Sua Eminencia o Patriarca: eu continúo a guerrea-lo a todo a transe, no terreno das ideias. Se quer merecer o meu apoio, tenha a sublime coragem de abandonar um torpe oficio que envolve uma deprimente exploração e, deixando de lado as preocupações tolas de fundar novas religiões, faça se verdadeiramente um homem, provendo a sua existencia por meio dum trabalho honesto.

Doge da Maia.



Os abutres fugindo espavoridos á luz do sol que os ofusca.

Mascarada

(DO NATURAL)

São oito horas, o sol sorri, aquentando-nos com as suas chamas vivificantes. Uma animação desusada enche os bairros excentricos; para o centro da cidade encaminha-se de todos os lados uma turba bizarra e variegada: costureiras, mulheres de casa, mulheres elegantes, mundanas, vendedores ambulantes, garotos, operarios, bufarinheiros, sotainas, estudantes, velhotes, acotovelando-se todos, atraídos e movidos todos por uma força irresistivel.

Ao ver dirigirem-se para um fim comum essas multidões, desfilarem curiosos e apaixonados esses rostos de ordinario tão insensiveis e indiferentes, enrugados apenas pelos cuidados cotidianos, pensamos que vão assistir a algum grave acontecimento E como estou pouco ao corrente das noticias, faço conjecturas sobre a causa deste movimento febril.

E' decerto alguma obra de arte admiravel, recêm-acabada por um artista de talento; ou uma maquina maravilhosa brotada do cerebro de algum poderoso inventor, executada por habeis operarios.

Talvez essa gente corra a protestar contra uma iniquidade social, ou então a escutar a palavra justa e avisada dum filosofo de passagem, a argumentação vigorosa dum sabio.

Em busca da decifração do enigma, sigo a onda assaltante e em breve me detêm uma multidão compacta, que enche os passeios e forma uma muralha viva. No meio da rua não se pode estacionar.

Essa multidão fala uma linguagem estranha e lugubre; a cada passo se ouvem estas palavras: paroquia, diocese, padre, cardial, esquife, cortejo... Adivinha-se que se trata de religião, e consigo saber que se aguarda a passagem do solene e grandioso enterro dum cardial.

Esse cardial foi acaso um grande homem, cheio de saber, de espirito ou de bondade? Foi porventura amigo e bem-feitor de todos estes seres aqui comprimidos? Duvido: o sentimento que estas caras exprimem é a curiosidade, não a dor e a tristeza, ocasionadas pelo desaparecimento final dos seres que nos são caros.

Após um momento de expectativa, desemboca na rua um prestito dos mais extravagantes, avançando com uma lentidão de caracol. Quatro arlequins, matizados de branco, de vermelho, de dourados, de alabarda ao ombro, rompem a marcha da mascarada. Seguem-se crianças de ambos os sexos, depois adultos, em seguida velhos, tudo com trajes tão grutescos que fazem estalar de riso.

Baldadamente se procura em todas essas fisionomias dor, tristeza, saudade, amor, em suma: vida; só se descobre nelas hipocrisia, mentira, velhacaria, fingimento, morte.

Lá vem o esquife. Hipocritamente, fe-lo quasi simples essa raça, admiradora secular das exterioridades pomposas e brilhantes. Passa lento e solene, descobrem-se craneos, mãos esboçam o sinal da cruz. Ali vai, de mãos dadas, a trindade sobre a qual assenta a nossa sociedade: clero, exercito, magistratura.

Quando cessarão os homens de adorar a morte para amar a vida? Quando deixarão de passear carnavalescamente cadaveres em decomposição, embora de uma Eminencia, pelas ruas e avenidas, para estender mão fraterna ao sofrimento e á fraqueza? Quando começarão a repelir o lôgro duma vida celeste para abrir o cerebro, o coração e a carne á vida da Terra?

Quando é que, finalmente, libertos de todos os cultos, chamem-se eles religiosos, patrioticos ou dos mortos, tristes e dolorosas heranças de anteriores seculos de ignorancia, se hão de rir dos supersticiosos terrores dos seus antepassados e das arengas interessadas dos bonzos ignorantes, e hão de ir de mãos dadas, por entre o perfume das flores e os canticos das aves, com a vida intensa por fim e por meios a sciencia, o auxilio mutuo e o trabalho?

Florencia.

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA "LANTERNA" LEMBRAMOS QUE, DEPOIS DE A LEREM É DA MAXIMA UTILIDADE NÃO A DESTRUIREM. OS QUE NÃO A GUARDAREM, PARA COLECIONAR, DEVEM DÁ-LA A OUTRA PESSOA, LÊ-LA AOS QUE NÃO SABEM LER, DEIXÁ-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFÉS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS, NAS BARCAS, ETC., EM TODA A PARTE, ENFIM, ONDE POSSA SER LIDA POR OUTROS. ESPALHAR É SEMEAR, É TORNÁ-LA CONHECIDO, É FAZER DELA A PROPAGANDA, É CONQUISTAR NOVOS ADEPTOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBEM TODOS DEVEM ARRANJAR NOVOS ASSINANTES E DESENVOLVER A VENDA AVULSA, AFIM DE QUE POSSA PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANDAMOS EMPENHADOS.

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

Segunda conferencia — A religião não consiste no sentimentalismo — A moral e a religião — Sentimento extraviado, suas consequencias e seus responsaveis — Instrucção religiosa.

Como é d. Sebastião Leme? Não consiste a religião catolica no sentimentalismo tão sómente?

Nem noutra coisa consiste ela — podemos vo-lo afirmar.

E a prova é que a religiosidade no individuo vai baixando, á medida que a sua intelectualidade vai se elevando.

E a prova é que entusiasmo verdadeiro pela religião só se encontra, hoje em dia, no sexo feminino, que é por natureza todo sentimental e nos espiritos *maricas* e *piegas*, que desatam a chorar, quais bezerros desmamados, quando acompanham uma procissão do Enterro da roça ou quando ouvem um padre, com a sua voz fanhosa de tabaquista, cantar na Quarta-feira de Trevas uma lamentação de Jeremias.

Como não ha de repousar no sentimentalismo e nele unicamente consistir uma religião que se compõe apenas de lendas, de historias da carochinha, de narrativas comparaveis ás que fazem chorar em silencio as crianças, de noite, quando ouvidas de uma ama velha que lhes embala o berço?

E' só e só sobre esse sentimentalismo, que, muita vez, em completo desacordo com a razão, faz, não obstante, vibrar as cordas do coração, que, no que pese a d. Sebastião Leme, se oporia a religião, de que é ele representante.

Mas o bispo de Ortosia exige alguma coisa mais: ele quer que essa religião seja considerada o mais poderoso elemento moralizador da sociedade moderna.

Contra essa pretenção sua, os factos falam de maneira a mais eloquente e frisante.

O nivel moral da sociedade vai se elevando cada vez mais em consequencia dos progressos naturais realizados pelo espirito humano e a despeito da decomposição franca em que se encontram as crenças espiritualistas.

Para a moralização da sociedade o contingente oferecido hodiernamente pelo catolicismo é nulo.

Ninguem, hoje em dia, pratica o bem e deixa de fazer o mal com a esperança de recompensas eternas ou com o receio das penas infernais, senão pela compreensão dos seus deveres para com os individuos da sua especie ou então por medo da sancção civil, que é o unico meio frenador capaz de actuar sobre os espiritos refractarios ao aperfeiçoamento moral.

O homem vai ficando cada vez melhor porque a humanidade caminha para a sua fase positiva, na qual os instintos grosseiros, egoisticos, tenderão, de mais a mais, a ficar subordinados aos instintos nobres e altruisticos.

Esses instintos, que aqui mencionamos, não são expressões vagas, insignificativas, como milhares de outras de que estão saturadas a metafisica e a etica catolicas.

Eles são funções de orgãos cerebrais, cuja distribuição Comte conseguiu fazer segundo o seu metodo subjectivo, de modo que o desenvolvimento de uns e o aniquilamento de outros correspondem a fenomenos biologicos de caracter positivo e que a sciencia vai, de dia para dia confirmando da maneira a mais irrefutavel.

Portanto, se pela sua evolução natural, a Humanidade ha de ir ficando cada vez melhor sob o ponto de vista moral, a que vem atribuir-se esse facto ao Catolicismo, cuja acção moralizadora, baseada no mais estupido egoismo, se exgotou por completo, desde que começou a operar-se a dissolução do regimen feudal?

A moral, afirmamol-o não só não precisa da religião para o seu sustentaculo, como ainda mais, jamais defluiu de religião alguma, principalmente da catolica.

Lance d. Sebastião Leme as suas vistas para os seus colegas de habito, os padres, que são os profissionais da religião.

Como explica o bispo de Ortosia o facto de serem os padres, na sua maioria, a incarnação de quantos vicios, de quantas torpezas aviltam e degradam a natureza humana?

E entretanto são homens que vivem, dizem eles, da religião, para a religião e pela religião.

«E' que, diz o conferencista da catedral do Rio de Janeiro, não são verdadeiros catolicos do *Credo* e dos *Mandamentos* mas tão sómente catolicos de *sentimentos*.

«Tenhamos, acrescenta ele, uma religião verdadeira de crenças e de praticas religiosas e vereis como a nossa vida ficará um modelo de virtudes e de moralidade.»

Ora bolas! d. Sebastião Leme.

Sempre quizera que me esplicasses como é que um individuo pode ser catolico de sentimentos sem o ser tambem do *Credo*, — provado como está exuberantemente que a fé tem por pedestal o sentimento, perante o qual a razão deve fazer acto da mais intima submissão.

Quanto aos *Mandamentos*: Esses preceitos gerais, de que fazes monopolio da Igreja catolica, encontram-se com insignificantes diferenças na sua enunciação, em todas as religiões, que hão vicejado na superficie do planeta.

E si quizeres encontrar coisas muito mais elevadas, regras morais muito mais dignificantes do que as consignadas nas chamadas Escrituras Sagradas, vai, d. Sebastião Leme, consultar os livros budistas, que ninguem ignora terem sido a fonte, onde foram abeberar-se os escritores judeus e cristãos.

E' o caso de se dizer com Voltaire, que teria muita graça, por exemplo, que se lesse em qualquer dos Evangelhos que Cristo aconselhava e pregava o adulteria, o latrocinio e o parricidio.

Só um beocio pode admirar-se de ver vingar uma seita pelo simplos facto de não tomar a si a propagação de principios, que são incompativeis com o estado sacial.

O bispo de Ortosia o que está a fazer é arrancar as penas doiradas da evolução natural para com elas ornar a gralha — que é o catolicismo — emprestando-lhe um importante papel social, que ele absolutamente não exerce.

E' nas pessoas que se entregam de corpo e alma á religião catolica que se nos deparam os

A CONFISSÃO

(Ao rev. padre Marcondes)

De erto o templo. No confessionario,
Ouvia o nedio padre á penitente,
Que talvez mais que á Virgem do Sacrario
Ele amasse com seu amor de crente.

Silencio sepulcral... O alampadario
Dava, então, uma luz baça e dormente,
Menos ardente que a alma do vigario...
O que se deu depois? Casualmente

Entrou o sacristão, crendo deserta
A santa sacristia da Capela.
Como alguem que sonhou e que desperta

Riu-se, ao vel-os de pé, perto á janela...
O padre com a batina toda aberta,
Limpando as costas do vestido dela...

Peraldiano.

(Ceará).

casos mais frequentes de extravios do sentimentalismo.

Uma virgem, que abandona o lar paterno, onde é idolatrada, para se enclausurar em um convento, onde vai mirrar durante longos anos, á mingua dos mais doces e inefaveis afectos da familia, age ou não por um sentimentalismo extraviado?

Vê, agora, aquele joven, que por um arroubo de misticismo, se prostra a fio comprido aos pés de um bispo velho e tremulo, que com um simples *Accede húc* tem a presunção de sufocar as paixões, que lhe estuam na alma.

E essa mãi de familia que, cumprindo as ordens do seu director espiritual, sai clandestinamente da sua casa, julgando fazer acção meritoria, e desobedecendo aos dictames do seu esposo vai desvendar a um intrujão qualquer, encerrado em um confissionario, todos os segredos do lar, vai pô-lo ao corrente de todos os seus actos, de toda a sua existencia, dos seus mais intimos pensamentos, essa mulher está ou não sob a influencia de um sentimentalismo extraviado?

A instrucção religiosa só serve para exaltar esse sentimentalismo religioso, que d. Sebastião Leme não concede seja, mas que de facto é, o alicerce exclusivo da religião.

Ela serve exclusivamente para sobrecarregar a mente da mocidade, enchendo-a de antigualhas, que só mais tarde podem ser eliminadas mediante uma sã educação filosofica.

E' veso antigo do clericalismo atribuir todos os males que se manifestam na sociedade á falta de instrucção religiosa, como se a sociedade dos tempos actuais, a qual do que menos cuida é de questões religiosas, não fosse incomparavelmente melhor do que a dos tempos barbaros da Idade Media, que foi o periodo aureo da Igreja.

O chavão eclesiastico já não produz efeito algum.

O povo vê, a cada passo, homens da mais alta moralidade que não aceitaram as burlas do catolicismo e de outro lado vê tambem, á cada momento, tipos, que vivem genuflexos perante os altares e de terço na mão, a cometerem os mais inqualificaveis abusos, a perpetrarem os mais abominaveis delictos.

Os padres preconizam a instrução religiosa, porque ela estabelece, em síntese, que o ministro da igreja é o representante de Deus na terra e que á casta sacerdotal compete o governo de todo o orbe.

Não pegam as bichas, ó melifluo d. Sebastião Leme.

A tua seita é um organismo em fase de declinio.

A mentalidade humana tem hoje horror ao polvo que, durante seculos e seculos, procurou cortar-lhe os surtos, coibir-lhe os mais sublimes impulsos.

Hoje em dia — *Sursum corda!*

A inteligencia do homem tudo vê, tudo examina, tudo critica.

E usando desse direito, que a tua Igreja tanto se esforça por lhe suprimir, ela chegou á conclusão clara e insofismavel de que a religião, pela qual tu — ó bispo de Orthosia, estás improficuamente a te bater, é incompativel com a lei do progresso, que rege todo o universo.

Ignoto.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Passando no dia 21 do corrente o 2º aniversario da fundação desta associação e sendo uma sexta-feira, ficou resolvido, para que todos os associados possam a ela comparecer, transferir-se para domingo á noite, 23, a sessão comemorativa.

O nosso salão estará franco a todas as pessoas que á mesma quizerem assistir.

A Diretoria.

DA PORTA DE EUROPA

As novas complicações da questão balcánica — O conflito rumeno-búlgaro: um que pede a paga da sua expectativa — A cidade dos minaretes, a muito desejada — Razões prática dos práticos cristãos da búlgaria: não se trata de templos, mas de negocios — Um golpe dos patriotas jovens turcos — Analogias entre dois grandes factos históricos — Falta a Comuna... — Hora de provação.

Lisboa, 27 de janeiro

A questão balcánica ia-se tornando pouco interessante e pouco falada. A opinião estava fatigada do assunto e sobretudo das lentas e trabalhosas negociações de Londres. Tinha-se habituado ao permanente perigo duma grande conflagração europeia, à força de a ouvir proclamar.

Demais, dizia-se que a paz estava enfim quasi assegurada e que as complicações haviam de ser amigávelmente resolvidas. A confiança invadia os ânimos.

Infelizmente, vieram novos factos, novos incidentes desfazer essa confiança, lançar a perturbação e o sobresalto. De novo se fala num retôrno de hostilidades balcánicas e na possibilidade de um gravíssimo conflito entre as grandes potências.

A questão rumeno-búlgara, insuflada pela Austria e pela Alemanha, foi um dos grandes motivos de inquietação. A Roménia exige compensações para a sua neutralidade e para a sua benevola expectativa; pretende uma boa fatia do bolo balcánico...

Depois veio a questão de Andrinopla e das ilhas do mar Egeu. O debate era principalmente em tôrno da famosa cidade turca dos cem minaretes: nem os turcos se resignaram a perdê-la, nem os búlgaros podiam desistir da sua posse....

E' verdade que estes não a conseguiram tomar ainda... E é certo também que ela é essencialmente turca, não servindo portanto para a reivindicar o famoso pretexto da «libertação dos irmãos de raça e de religião», com que os porqueiros da Sérvia, os exportadores de cereais da Bulgária e os camerciantes gregos justificaram a cruzada santa...

Mas bem lhes importa, aos búlgaros, a raça (não odeiam êles os gregos aliados?), ou mesmo a santa religião!... A prova é que, se lhes derem Andrinopla, prometem ali plena liberdade religiosa, a «neutralisação das mesquitas», e ainda outras garantias e excepções à sua soberania... O que eles querem, não é converter infieis, nem fazer triunfar o cristianismo. O que a burguezia búlgara, prática como todas, ambiciona não é o govêrno espiritual da cidade, nem a posse das mesquitas: é simplesmente a prosaica estação ferroviária. O que eles pretendem firmemente possuir é toda a linha de que Andrinopla é a chave. Poderia esta chave ficar nas mãos dos turcos? Impossivel! absurdo! Seria perder grande parte dos beneficios da guerra...

Idêntico raciocínio faziam naturalmente os turcos — e daí a teimosia recíproca, o indefinido arrastar-se das negociações, o quasi rompimento...

O govêrno turco ia, porêm ceder, a «assembleia dos notaveis» tinha-se resignado à dolorosa amputação — ao que parece, sob a enérgica pressão da Rússia, santa protectora, não desinteressada, dos Estados balcánicos — quando se deu a já temida explosão de patriotismo otomano, e os jovens turcos se apoderaram violentamente do poder, para reter Andrinopla e «salvar a pátria»...

Guardadas as devidas proporções, a guerra balcánica tem tomado os sucessivos aspectos da guerra franco-alemã. A Liga Balcánica (esboço de Confederação) formada sob uma habilidosa impulsão patriótica e sob a hegemonia da bulgária, para retalhar e desmembrar a Turquia, em proveito dum novo imperio, rial ou virtual, e duma nova expansao economica e militar reproduz o processo da formação da Confederação Germánica, sob a hegemonia da Prússia. A Turquia representa às mil maravilhas o papel desgraçado da França; e agora o pronunciamento dos jovens turcos, com o seu herói Enver bey, até se falou ontem em proclamação da república, após abdicação do sultão — parece um tanto a república de Gambeta e da «defesa nacional»... Falta ainda a Comuna — proesa que se me afigura pouco ao alcance das minguadas fôrças proletarias de Constantinopla, que no entanto não são de todo inexistentes e desfibradas.

Mas o pior de tudo é que estamos de novo em plena complicação terrivel, ante o espectro ameaçador da tam temida e anunciada conflagração europeia. Hora de provação para o povo trabalhador.

Neno Vasco

ESMAGANDO PEQUENOS REPTIS

Sumario: *Furor hidrofobico e lanternofobismo de dois foliculários batistas:* O Jornal *e* O Escudeiro; *aquele do Rio, este de Friburgo. — Por causa do nosso artigo* Jesuitismo Batista *da* Lanterna *n. 166. — O que a* Lanterna *é para os mesmos reverendos — Um detestavel pasquim e veiculo de difamação, diz* O Escudeiro; *um jornal rubro, afirma* O Jornal Batista. *— Ferrer, nosso deus e idolo. — Não temos deuses em idolos. — Ferrer, um gato morto, mas, apesar do gato morto, os ratos, camondongos e outros roedores batistas continuam assustados.*

Os folicularios batistas estão furiosissimos contra a *Lanterna*, tão furiosos que não tardam a ficar hidrofobos.

O motivo de tal furor foi um simples artigo publicado no seu n. 166 sob a epigrafe *Jesuitismo Batista* rubricado pelo obscuro autor das presentes linhas e que outra coisa não era senão repelir ao *Jornal Batista* uns tantos conceitos emitidos acerca do grande apostolo do racionalismo que se chamou Ferrer. O *Escudeiro Batista*, porêm, não gostou da surra aplicada ao seu querido colega, *O Jornal Batista*, e, tomando as dores pelo mesmo escreveu o seguinte no seu n. 55 correspondente a janeiro deste ano:

— *A Lanterna* é um detestavel pasquim que se publica em S. Paulo, cujo elemento intelectual é da peor especie (isso é lá consigo, srs. Ignoto e Adrecal...); poristo que em vez de projectar luz, expele jacto da mais putrida lama a quantos têm a infelicidade de se avizinhar dos seus termos para combaterem a sua miasmatica teoria atesiastica.

Na defesa do seu *deus Ferrer* a *Lanterna* pretendeu atingir a denominação batista na personalidade do nosso colega o *Jornal Batista*. Não vimos em defesa do nosso colega, porquanto ele saberá pulverizar os diatribes que lhe vão assacadas, se tantas honras quizer dispensar ao *veiculo da difamação*. Vimos tão sómente repelir a linguagem de baixo calão registada por quem parece divorciado dos mais rudimentares principios da boa moral. Os desocupados devem ficar sob a inteira responsabilidade da policia, a quem compete remover os elementos deleterios para garantia do saneamento moral."

Viram que *formidavel* refutação ao nosso artigo *Jesuitismo Batista*?

Ora, tenham a bondade de relêr os topicos mais salientes da *cerrada* argumentação do foliculo friburguense: — "*A Lanterna* é um detestavel pasquim, que só expele jacto da mais putrida lama...; *veiculo da difamação*, divorciado dos mais rudimentares principios da boa moral... Os desocupados devem ficar ao cuidado da policia, que tem por dever remover os elementos deleterios para garantia do saneamento moral."

E as provas de tudo quanto assoalha, sr. *Escudeiro?* Onde as provas de ser a *Lanterna* um "*veiculo da difamação?* Onde as provas de sermos nós uns imorais e desocupados?

Dificil, senão impossivel, seria ao rev. demonstrar tudo o que diz, e como não podemos perder tempo a espatifar calunias e calinadas, passamos isso por alto para o interrogar de novo: — Quem informou ao sr. *Escudeiro* de que Ferrer é nosso Deus? Nós não temos deus nem deuses, sr. *Escudeiro*, porque somos inteiramente descrentes de todos os sobre-naturais poderes celestes e terrestres; isso de deus e deuses é só bom para os Escudeiros e outros lanternofobos batistas, que nisso vêem um meio de comer sem trabalhar. Nós, pelo contrario, somos trabalhadores e não temos necessidade de ameaçar ninguem com o fantasma daquele Jeová iracundo da Biblia, ou com as promessas e castigos desse novo Buda chamado Cristo. Nosso lema é: — *Nem deuses nem amos!*

Poderiamos extender-nos ainda; mas já dissemos que o tempo urge e é preciso esmagar outro pequeno reptil.

***

Este é *O Jornal Batista*, que, na sua edição de 6 de fevereiro deste ano, á pag. 4, deu, em caracter normando, este titulo, acompanhado da seguinte noticia:

"A LANTERNA — Só graças ao nosso calega *O Escudeiro Batista* soubemos que aquele jornal anticlerical de S. Paulo nos *honrou* com as explosões da sua ira por termos a audacia de tocar no seu idolo, aquele Ferrer que, ao mesmo tempo, é um gato morto com que fustigam não só o clericalismo mas todos aqueles que professam o nome de Deus. Não tivemos o prazer ou desprazer de ler o que o citado jornal de nós disse; nem isso nós incomoda (para quem não têm vergonha, naturalmente...)

E pelo que vemos do nosso colega o *Escudeiro* não poderiamos responder ao jornal rubro..."

Por covardia e absoluta falta de argumentos, está visto!

Ora bem. O *Jornal Batista* plagia o embuste do seu colega *Escudeiro*, afirmando que Ferrer é nosso idolo, quando é sabido de todos que nós não temos deuses, quanto mais idolos! Fetiches e idolos possuem-nos os batistas, e o principal dos tais é aquele Buda dos hindús, a cuja 2.ª edição, muito peorada, os discipulos daquele comedor de gafanhotos que se chamou João Batista puzeram o titulo de — Cristo. Além disso, os batistas, como seus irmãos presbiterianos et caterva, são politeistas: — adoram um deus policefalo, isto é, com tres cabeças. Deus pai, deus filho e deus espirito-santo, que por regra matematica deveriam somar tres deuses, não perfazem mais que um só, deduzindo-se daqui que esse deus dos batistas, ou é um corpo com tres cabeças ou uma cabeça com tres corpos, e quer num caso quer noutro o resultado é sempre estupido e absurdo.

E ainda dizem que nós temos idolos!

Afirma tambem o rev. foliculo *Batista II* que Ferrer é um gato morto, mas não por isso os ratos, camondongos e demais roedores batistas cantem vitoria porque ainda ha muitos gatos vivos que em dados momentos podem causar serios incomodos aos ratos batistas; continuai, pois, no vosso oficio de roedores favorecidos pelas trevas da ignorancia, mas ide com cuidado porque os gatos ainda vivos não perderão ocasião de dar-vos caça, triturando-vos entre os dentes do ridiculo e mostrando ao mundo quem sois vós.

José Martins.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

A "Lanterna" transformada em diario

Com mais algum esforço o nosso projecto tornar-se-á um facto

Estamos em caminho da realização do nosso grandioso projecto. Os amigos da *Lanterna* reconhecem a necessidade imperiosa de sua transformação em cotidiano para satisfazer as crescentes necessidades da propaganda.

Chegam-nos diariamente numerosas cartas de adesão e compromissos para o nosso emprestimo.

E grande o entusiasmo.

Entretanto é preciso ultimar os trabalhos e meter mãos á obra.

Os companheiros que ainda não nos responderam que o façam sem demora.

Urge dar execução á obra que tantos beneficios trará á propaganda.

Sr. Edgard:

Visto o seu jornal ir-se tornar diario, tomarei tambem uma acção. Vontade tinha de assinar outras, mas as finanças estão me apertando muito.

Cravinhos, 16 — 2 — 913.

A. M. A.

***

Sr. Edgard Leuenroth:

Junto a esta envio o meu compromisso de 5 acções, para que possamos ver em pouco tempo a *Lanterna* um jornal diario e progressivo, que para mim será uma satisfação.

Cravinhos, 16 — 2 — 913.

José Antonio da Costa Pipa.

***

Sr. Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Senti um grande entusiasmo ao ler no numero 171 do nosso valoroso e intrepido ibaluarte que se desejava a sua publicação diaria. Um bravo á grande iniciativa, a essa vossa ideia. Só assim poderemos combater essa praga daninha que se chama clero et caterva.

Sabará, 15 — 2 — 913.

João de Siqueira Cruz,

***

Amigo Edgard Leuenroth:

Com esta envio-lhe o coupon devidamente firmado e preenchido com o numero de acções de meu compromisso de momento.

Oxalá consiga levar avante o seu louvavel intento para mais largamente contribuir no desenvolvimento de ideais tendentes á elevação do caracter popular, ao mesmo tempo elucidando os abusos que em renitonte progresso este grande paiz vae suportando.

Pelotas, 6 — 2 — 913.

X.

***

Sr. Edgard Leuenroth:

Saudações.

Declaro aceitar com muito prazer a sua lembrança de transformar a *Lanterna* em diario. Se todos os anticlericais e livres-pensadores concorrerem para que esta ideia em breve seja um facto, teremos aqui meio caminho andado para a derrota completa da clericanalha e um grande passo para a conquista de nossa felicidade. Junto remeto-lhe o coupon subscrevendo duas acções.

Caxambú, 16 — 2 — 913.

Delfim Moreira Ramos.

***

Sr. director da *Lanterna*:

Junto a esta devolvo o coupon por mim subscrito com 3 acções. Terei muitissimo prazer que a *Lanterna* vá sempre avante e se torne diaria.

Avaré, 11 de fevereiro de 1913.

Florencio Pires.

***

Prezados amigos da *Lanterna*:

Nesta vai incluso o coupou de compromisso de subscrição com que o amigo me distinguiu; não me é possivel tomar maior compromisso, o que me desculpará. Sinto profundamente não poder tomar cinco ou seis desses compromissos para uma causa tão salutar como a que acaba de empreender. Depende dos amigos do progresso.

Morram os servís!

Cordeiros, 9 — 1 — 1913.

José Antonio Demarchi.

***

Caro Edgard:

Saude.

Reconheço que é de grande e indispensavel necessidade tornar um facto a publicação diaria da *Lanterna*. Por isso, voluntariamente e com a melhor boa vontade contribuirei, como sóe dizer-se, com o meu grão de areia para ver definitivamente realizada essa tua tão louvavel ideia. No proximo pagamento comprometo-me de ficar com uma acção.

Sempre cordialmente teu

Zeferino Oliva.

S. Paulo, fevereiro, 1913.

***

Estimado companheiro:

Tem esta o fim de torna-lo sciente que estou pronto a subscrever algumas acções para transformar a *Lanterna* em diario.

Essa sua ideia é esplendida, porque trará nova fase para a propaganda anticlerical, tornando-a mais ampla e eficaz em casos que se dão todos os dias e que precisam logo ser publicados para a orientação de publico.

Queira, pois, juntamente com os outros camaradas, aceitar as minhas sinceras felicitações pelo tão nobre e espinhoso empreendimento que vão fazer, podendo desde já contar com o meu fraco apoio, em tudo quanto lhes puder servir.

Jahu, 13 — 2 — 913.

Francisco Bonilha.

***

Amigo Edgard Leuenroth:

Saude, paz e *Lanterna* diaria.

Recebi com muito entusiasmo o questionario oferecido pelo amigo relativamente ao nosso jornal. Já me dispunha para manifestar-lhe o meu fraco apoio, e se não fiz incontinente, foi porque aguardava chegada do coupon, conforme a promessa feita anteriormente. Tomo cinco acções, é uma insignificancia, reconheço, mas é o unico meio que posso patentear a minha boa vontade de operario pobre. Sou um fraco soldado do Livre-Pensamento, mas em se tratando do nosso ideal, jamais pouparei sacrificios, mesmo porque, alentado por nossas convicções, serei forte: «Um forte ideal, faz forte fraca gente».

No mais, avante!

João Manoel F. Pena.

Vila de Itaúna, 11 — 2 — 913.

***

Amigo Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Devolvo o meu compromisso para a publicação diaria da *Lanterna*. Não desejo que me consideres *irmão remido* e com direito a todas *as bemaventuranças do Paraiso*; não, vejamos o resultado final e aqui estou sempre no meu posto de liberrimo pensador.

Estação de Irara, 11 — 2 — 913.

Ernesto Pena.

***

Carissimo Edgard:

Nunca deixei de contribuir, de acordo com as minhas forças, para qualquer iniciativa que tenha por escopo debelar o mal que tanto aflige a humanidade, e nenhum operario ou cidadão que se diga livre deve ser indiferente a esta tua decisão.

Mas uma coisa devo manifestar: ainda que a *Lanterna* não possa ser imediatamente diaria, é necessario formar-se o orgam de acção directa, que difunda uma orientação clara na massa trabalhadora, porque, se a acção parasitaria na evolução social está na religião, não deixa de estar talvez mais forte no capital.

Belo Horizonte, 2 — 2 — 913.

Alexandre Zanella.

***

Companheiro Edgard!

Em virtude das necessidades da propaganda, estamos todos de comum acordo que a nossa luminosa *Lanterna* se torne o arauto do nosso combate diario. Muito teremos a ganhar com essa iniciativa, que bastante virá contribuir para o encorajamento da nossa luta, favorecendo a vitoria da causa que defendemos, que é a causa da emancipação social. E como prova do nosso apoio, envio os dois compromissos que subscrevemos.

Juiz de Fóra, 9 — 2 — 913.

Galdino de Medeiros, pela S. B. Irmãos Artistas.

***

Cidadão Edgard Leuenroth:

Saudações.

Envio-vos a minha subscrição de tres acções para a publicação diaria da *Lanterna*.

Itapetininga, 7 — 2 — 913.

Adherbal Paula Ferreira.

FESTA DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramatico Anticlerical — Para estreia deste nosso prestante grupo de propaganda, realizar-se-á hoje, no salão do Centro Galego, sito á rua da Constituição, 38, ás 8 horas e meia da noite, a bela festa que por engano anunciamos para o dia 20, representando-se o emocionante drama de Henrique Peixoto — *Os ladrões da honra.*

Haverá tambem baile familiar e leilão de prendas.

Os cartões distribuem-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 18.

S. S. G.

Aos C... S. S. G. no Brazil

Rzgtiesivpxhvxqsufpgnfvqosuxmljeobgvjaonipuirsiyjrknsu.

C. Superior — Brazil.

EM GUAXUPÉ

Suicidio provocado por um padre

Um boletim que veiu esclarecer melhor o facto — Confirmam-se as acusações contra o padre Fraissat.

Sobre o facto por nós denunciado no nosso numero anterior, encontramos o seguinte na *Gaseta do Rio Pardo*, presado colega da cidade que lhe dá o nome:

Abaixo transcrevemos um boletim que recebemos de Guaxupé.

Trata-se de um facto escandaloso em que se acha envolvido o padre Pinto Fraissat, que até ha pouco foi vigario daquela paroquia.

A cronica desse padre é horrorosa, assim diz toda aquela população. Nem por isso esse padre ainda foi suspenso de ordem; mas é isto mesmo, os maiores escandalos jamais foram motivo para que um sacerdote da igreja romana fosse suspenso. São suspensos e excomungados aqueles que, cansados de iludir as massas ignorantes, atiram para um lado a batina e contraem casamento. Pois destes factos temos observado constantemente. E depois sobem descaradamente no púlpito para pregar a religião e a moral!

Se Cristo descesse novamente á terra, esses vendilhões seriam fatalmente enxotados dos templos a chicote.

Eis o boletim:

Crime barbaro e covarde

Justiça!

Hontem, á meia noite, os individuos desqualificados Antonio e José Fraissat, chefiados pelo hipocrita, alcoolista e turbulento padre Pinto Fraissat, espancaram covardemente a cacetadas o inditoso moço José Soares de Barros, deixando-o ferido e ensanguentado.

Triste consequencia teve o crime desses malvados: tão pezaroso ficou o infeliz moço, pela desfeita que havia sofrido, que se atirou a uma cisterna, de onde foi retirado morto.

A esta hora, está em pranto o lar do digno capitão Erasmo de Barros, o pai do inditoso moço. A sua familia se acha em doloroso pranto, ante o fatal acontecimento.

Interpretando o sentimento de toda a população de Guaxupé, pedimos ás autoridades procederem contra esses indignos individuos; especialmente contra o maior culpado, esse mau padre, que ainda ha pouco choramingou ridiculamente ao despedir-se de Guaxupé, em um comprido "bestialogico", e agora espanca brutalmente uma de suas "ovelhas", — um pobre mocinho, quasi uma criança!

Justiça! Que a lei dê o merecido castigo a esses criminosos. Não póde ficar impune tão covarde crime!

Guaxupé, 7 de fevereiro de 1913.

Victorio Benedetti, Virgilio Frangoso, Lorenzo Manzzarell, Simão Silva.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

A influencia dos actos

Num interessante artigo publicado num jornal operario de Zurich, F. Brupbacher refere varios casos de conversão ao socialismo. Eis um dos mais frisantes:

"Um dos nossos camaradas, um loiro bavaro, foi educado numa região profundamente catolica. Na sua mocidade, verteram-lhe religião aos cantaros; fizera-se por isso muito devoto. Era membro duma sociedade operaria catolica e tinha horror aos impios. Residia num patronato que os devotos tinham fundado para noite e dia preservar do contacto dos incredulos os seus inocentes cordeiros. Mas deu-se o caso de ser precisamente a estada nesse lugar santo a causa da perdição do loiro bavaro. O moço tonsurado que estava á frente da casa não vivia só de palavras divinas; gostava tambem do nobre sumo da vinha. Mas, como lhe desagradava beber só, convidava amiude outros servidores da Igreja; e quando os inocentes cordeiros do patronato iam dormir, os pastores substituiam o culto do Salvador e de sua divina Mãe pelo do deus pagão Baco. Este culto era ás vezes celebrado de modo tão ruidoso que os tenros anhos não podiam conciliar o sono; e, durante esta vigilia forçada, faziam edificantes reflexões sobre a singular contradição existente entre a conduta dos seus pastores e a doutrina por eles ensinada. Isto perturbou muito a consciencia do nosso candido bavaro, que na mesma ocasião travou, na oficina, relações com um colega socialista. Este era homem de poucas palavras, mas de bom comportamento, e o loiro bavaro, tendo-o achado simpatico, perguntou-lhe quais eram as suas ideias religiosas. O socialista explicou-lhe os principios da sua moral, e o jovem operario, depois de ter confrontado a conduta do colega com a do sataina pandego, foi buscar o que lhe pertencia ao santo refugio e instalou-se num quarto vizinho do seu novo correligionario."

Depois de narrar outros casos, o articulista tira estas acertadas conclusões:

"Esta narração das "conversões" dos nossos camaradas poderá provocar reflexões varias. Hão de notar que, em todos eles, o que determinou a conversação foi, em primeiro lugar, o contacto com pessoas boas e simpaticas. A leitura dos jornais, a frequentação de conferencias, só vieram depois, num momento em que, já convencido, o neofito deseja informar-se mais completamente sobre o socialismo e acabar a sua educação. Não é tudo isso proprio para nos incitar a ajudar o desenvolvimento do nosso movimento com o exemplo duma vida de boa camaradagem? Não nos mostra isso quão importante é a influencia pessoal, e tambem que não é sómente o homem publico, mas cada um de nós, mesmo o mais pequeno ou a mais pequena, que pode prestar serviços á nossa causa?"

O que Brupbacher diz do socialismo, pode ser dito quanto a qualquer dos modernos ideais livres.

E outras conclusões se podem tirar. Por exemplo: o valor do anticlericalismo, baseado dum lado sobre razões morais, sociologicas, filosoficas, e apoiado do outro nos factos, no espectaculo permanente da irremediavel e fatal contradição entre a hipocrita ou falsa doutrina da Igreja e a vida dos seus ministros.

Para as almas candidas e simples, esses factos valem mais do que transcendentes discussões filosoficas, adequadas a mentalidades cultas ou já emancipadas.

"A LANTERNA" EM VIAGEM

Em Bocaina

O companheiro João Penteado, atualmente em viagem pela Douradense a serviço de nossa folha, tem feito o possivel afim de propagar as ideias de reforma social nas localidades que tem percorrido.

Assim é que, domingo passado, em João da Bocaina, ás 5 e meia da tarde, no theatro Gomes-Verdi, realizou uma conferencia de propaganda, ocupando-se do tema — «Instrução e problema social».

Nessa occasião tambem, aproveitando-se da oportunidade, falou sobre a aviltante condição em que se acha o povo brasileiro ante o despotismo dos poderes publicos e fez ver a necessidade de se crear pela instrução e educação populares uma nova mentalidade, que, de acordo com a aspiração moderna da humanidade, saiba protestar contra a violação dos sagrados principios de liberdade. E, depois de citar diversos factos vergonhosos que atestam a baixeza de sentimentos dos homens de estado, pôz em relevo a monstruosidade da lei de expulsão de estrangeiros, e demonstrou que se ha estrangeiros que podem prejudicar a marcha do progresso futuro no Brasil, não serão os que aqui vem trabalhar, não serão os operarios, mas sim os grandes capitalistas, os que, á falta de bom emprego para seus capitais, para aqui dirigem iniciando empresas industriais e de comercio, favorecidos, como são, a ponto de obterem escandalosos privilegios em seu favor.

A sessão terminou ás 6 e meia da tarde, havendo concorrido a ela regular numero de assistentes.

A comissão organizadora, que foi composta dos srs. Aureliano de Sousa Oliveira, Antonio Bartelotti, Carlos Martel e Agostinho Borille, bem merece os aplausos de quem se interessa pela propaganda das ideias modernas.

Em outras cidades

O nosso companheiro realizará tambem conferencias em Bariri, sobre o tema — «A questão social e o operariado», e outra, amanhã, em Jahu.

"GERMINAL"

E' este o titulo de um novo campeão da propaganda do ideal libertario que vai encetar a sua publicação em Manaus, com o fim de despertar as energias amortecidas da classe trabalhadora, chamando-a á luta em favor do bem-estar geral.

A todos quantos têm dedicado o seu esforço pela divulgação dos ideais avançados neste imenso paiz, não pode deixar de provocar uma grande satisfação a noticia que nos vem do Estado nortista, onde, até agora, bem pouco se tem feito em prol da nossa causa.

Aos companheiros de luta do Norte cabe acoroçoar a excelente iniciativa de Tercio Miranda, o companheiro que vai publicar o *Germinal*, prestando todo o apoio á sua obra, que é tambem a de todos nós.

Toda a correspondencia para o *Germinal* deverá ser dirigida a Tercio Miranda, Avenida E. Ribeiro, 3, C. n. 78, Manaus, Amazonas.

A lei de arrocho

E' intensa a agitação internacional contra a lei de expulsão — O delegado da C. O. B. percorre a peninsula Iberica.

A lei de expulsão ha de cair. E' esse o desejo de todos os homens amantes da liberdade.

Essa infamia codificada, arrancada aos parasitas da camela parlamentar pelos escravocratas da oligarquia paulista, será dentro em pouco abolida porque contra ela se ergue o povo trabalhador daqui e de além-mar.

A agitação popular intensifica-se, levantando-se veementes protestos por todos os Estados e pelos diversos paises de onde nos vêm as levas de imigrantes.

Os telegramas dos diarios já nos informam sobre a agitação de protesto que se está fazendo em Portugal e Espanha.

E estamos apenas em começo.

Se aqui não ha lugar para os homens livres dos preconceitos sociais, dos que para este país trazem uma consciencia sã, não terão tambem os srs. feudais os escravos brancos para os seus cafesais.

Verão os jesuitas encasacados quanto vale a solidariedade entre os que vivem do seu trabalho.

«Aos companheiros da Confederação Operaria Brasileira. — Rio de Janeiro.

Companheiros:

Junto vos remetemos as cópias da moção de protesto contra a lei de expulsão de estrangeiros, aprovada em sessão da Comissão Central da F. O. R. G. S., e do protesto aprovado por ocasião do comicio com o mesmo fim convocado pela mesma F. O. e realizado em 12 do corrente. Tanto um como outro já foram aqui publicados pela imprensa diaria.

A F. O. R. G. S. continua sempre e cada vez mais solidaria com a Confederação e procurará acatar as suas resoluções certa de que são elas todas tendentes ao bom desenvolvimento da propaganda operaria. — Saude e justiça!

Porto Alegre, 15 — 1 — 913.

Polidoro Santos, Sec. Geral».

∴

«A Federação Operaria do Rio Grande do Sul;

Considerando que a lei de expulsão de estrangeiros, recentemente votada pelo Congresso brasileiro, constitue um dos mais frisantes atentados contra a liberdade e os direitos do homem;

Considerando que a referida lei visa especialmente afastar do meio operario os estrangeiros que nele tomam parte;

Considerando que o braço do operario estrangeiro é um dos mais poderosos factores do engrandecimento e riqueza industrial do Brasil;

Considerando que os operarios estrangeiros, vivendo em perfeita comunhão com os nacionais, são igualmente explorados pela burguesia, e, portanto, teem igual direito de velar pelos interesses da classe trabalhadora;

Considerando que é odioso e injusto que se crie uma lei especial para combater os operarios estrangeiros que lutam pelos seus direitos sociais, quando é certo que o proprio governo brasileiro fomenta a emigração, parecendo portanto só desejar homens brutos para o trabalho, recusando os que, mais inteligentes, não se deixam explorar miseravelmente;

Considerando que, no dizer dos patriotas, o Brasil é a terra da liberdade;

Resolve; protestar contra a referida lei de expulsão de estrangeiros e recomendar ás associações federadas e ao operariado em geral fique tornem efectivas as demonstrações de desagrado á citada lei, bem como se dirigir ás suas co-irmãs estrangeiras no sentido de evitar que venham para o Brasil operarios supondo que aqui gosem do direito de lutar pelos interesses de sua classe.

Séde da Federação Operaria do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, 5 de janeiro de 1913. — (Assinados) *Luiz Derivi*, presidente. — *Polidoro Santos*, secretario geral. — *Joaquim Hoffmeister*, tesoureiro.»

«PROTESTO. — O proletariado porto-alegrense, reunido em comicio, no dia 12 de janeiro de 1912, examinando os termos da lei de expulsão de estrangeiros, recentemente votada pelo Congresso Nacional, e verificando que a mesma visa particularmente perseguir os operarios estrangeiros que tomam parte na propaganda emancipadora da classe operaria, protesta contra essa lei iniqua que vai de encontro aos mais comesinhos principios de hospitalidade dos povos e é uma clamorosa injustiça assacada contra os elementos operarios estrangeiros, que tanto teem concorrido para a riquesa do Brasil e que, como os operarios nacionais, teem necessidade e direito de defender os interesses de sua classe usurpados continuamente por capitalistas de todas as raças e nacionalidades.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 1913.»

❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀❀

GIORDANO BRUNO

A comemoração da Liga Anticlerical do Rio

Esteve concorridissima a sessão que a Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro realizou no dia 17 em comemoração do suplicio, em Roma, do grande martir do livre pensamento.

A's 8 e meia horas da noite, aberta a sessão, falou o dr. José Oiticica historiando toda a vida de Giordano até o momento da sua morte, ordenada pelos homens que faziam e ainda fazem da ignorancia, do fanatismo e da crueldade as cadeias com que trazem acorrentada e submissa grande parte da humanidade.

Seguiram-se-lhe com a palavra: Candido Costa, João Chrispim, Caralampio Trillas, Demetrio Miñana, Cecilio Vilar, Antonio Moreira, Ulysses Martins e Vicente Ferreira.

«Fizeram-se representar: o Sindicato dos Pintores, a Fraternidade e Progresso, a S. de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches de Café, o Sindicato dos Oficios Varios e a Voz do Trabalhador, *orgam da Confederação Operaria Brazileira.*

Encerrou-se a sessão ás 11 horas da noite.

Foi feita em seguida uma colecta entre um grupo dos presentes, tendo sido recolhida a quantia de 13$700, que será entregue á Lanterna *para juntar á subscrição aberta em favor do nosso querido companheiro, enfermo, Pedro Kropotkine.*

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

A "Lanterna" em Sorocaba

Processo-farça contra o companheiro Jubert — E' veso antigo dos caciques de batina e de paletó que dominam quasi todas as localidades do interior, perseguir todos aqueles que não se curvam servilmente á sua vontade absoluta. Quando alguem ousa discutir os seus actos, enchem-se de colera e põem imediatamente em campo a sua capangada para *justiçar* o atrevido perturbador da ordem. Se não o podem executar sumariamente, como tantas vezes tem acontecido, tratam de obriga-lo a sair do lugar.

E' esse o caso do nosso companheiro Joseph Jubert.

Espirito liberto, insubmisso, em qualquer parte onde se encontre propaga livremente as suas ideias, sem ter em conta o que dele possam pensar os potentados.

Sabem os nossos leitores o que com ele se deu em Bragança, onde residiu por algum tempo.

Existindo lá um padre safardana, bandalho, muito atoa enfim, o tal Leonardo Jaboticabeira, por estas colunas poz o nosso amigo a calva á mostra a esse d. Juan de batina.

Tanto bastou para que todos os caciques caissem sobre ele para se vingarem do homem indepedente que discutia os seus actos e denunciava as suas proesas.

Moveram-lhe um processo e, por meio dos costumeiros arranjos, condenaram-no a alguns mezes de prisão e mais uma multa em dinheiro.

Agora repete-se o mesmo facto em Sorocaba.

Joseph Jubert, pondo-se sempre do lado dos operarios, denunciou um facto condenavel verificado numa oficina daquela cidade, enfrentando tambem com altivez um bacharelete que saiu em defesa dos exploradores.

A consequencia foi a esperada. O homenzinho estufou-se todo e moveu um processo, processo ridiculo como ele proprio, contra o nosso companheiro.

Saiu-lhe entretanto o trunfo ás avessas. Joseph Jubert pulverisou o seu *embroglio*, terminando o processo-farça com a sua impronuncia.

O juiz encarregado da causa, em uma criteriosa sentença julgou improcedente a queixa do pergaminhado, que deve estar furioso por não ter podido satisfazer os caciques para quem Jubert é um aza-negra.

Uma figa ao tal sujeito e saudações ao bom companheiro.

A "Lanterna" em Sete Lagoas

Mais uma do Sansoni

Liberta-te de ideias tão sombrias
E vai vivendo a vida das orgias...

R. REIS.

Com o fim, unicamente, de ter mais junto de si, obedientes ás leis barbaras, mais humildes aos seus santos preceitos, mais aconchegadas ás suas carnes voluptuosas as suas ovelhas, fundou o conego dr. Sansoni, nesta tão linda, quão desditosa cidade, uma irmandade de Maria!

Essa «irmandade», que ele, no começo deste ano, impingiu ao cerebro pulsilanime de umas tontas mocinhass, traz, nos seus estatutos, ideias bem evidentes de suas intenções... Porém, isso não bastou para que os pacovios pais compreendessem a armadilha e proibissem suas filhas de tomarem parte em a tal associação, não; lá, muitas moças se alistaram!

Pobres moças! Tão insinuadas ficaram, ouvindo as caudalosas torrentes de asneiras que o hipócrita reverendo jorrava sobre suas cabeças, que por fim caíram nas suas garras. Hoje vivem, quais assassinas, raladas de remorsos, perderam os risos, o refestelo da mocidade, a airosidade que lhes é peculiar para se entregarem ás orações continuas e aos panicos confissionarios.

Não mais frequentam bailes que tanto lhes deleitavam; não vão aos cinemas, aos cavalinhos, aos teatros, enfim nem namorar é permitido ás «irmãs»!...

E os pais, tomado desse fanatismo sem fundamento, afastam-nas dessas diversões inofensivas, que tanto lhes alegram e dão vida aos corações, preferindo vê-las encerradas com um inepto, entre negros e soturnos paredões de uma igreja, contando-lhe a sua vida de anjo!

Ignoram, por acaso, esses pais que são nos corredores desses templos que mais estupros se dão?

Sabem, com certeza; mas julgam-se honrados quando são vítimas...

Assim, o Sansoni rejubilar-se-á em vendo-as sempre solteiras, e os pais te-las-ão por toda vida em casa. Rapaz algum hoje quer se casar com santa...

Camundo.

Materia que fica

Ainda neste numero fica de fóra muita materia, entre a qual está a interessante correspondencia de Uberaba.

Graças a Satan, aí vem a Lanterna *diaria para dar vasão a tudo...*

Casa barata

Lemonceau, habitante de Asnières, perto de Paris, foi pelo senhorio injustamente expulso de sua residencia, com sua mulher e três filhos, apesar de ter pagado antecipadamente e de estar doente, de cama, ha seis mezes.

Indignados com esta prepotencia e comovidos com a situação do pobre homem, os membros do sindicato de inquilinos de Asnières tiveram a ideia luminosa de mudar a familia abandonada, com os seus moveis, para... a igreja da localidade! Em vão o sacristão e os bedeis se opuseram: os cinco infelizes ficaram instalados no templo que, alegavam os sindicados, é um edificio publico, aberto á todos... Bom é que as igrejas comecem a servir para alguma coisa...

Exemplo tentador...

KROPOTKINE

Para auxiliar a subscrição promovida pelos camaradas de Portugal com o fim de custear as despesas de viagem e a manutenção naquele paiz do querido libertario Pedro Kropotkine, que se encontra doente e falto dos recursos necessarios para se tratar, continua aberta em nossa redacção a lista por nós iniciada e que já contém as seguintes quantias:

A Lanterna	20$000
Edgard Leuenroth	10$000
José Romero	10$000
Coleta feita na reunião da Liga Anticlerical do Rio	13$700

Que se apressem os companheiros que desejarem prestar o seu concurso a esta simpatica manifestação de afecto. pois pretendemos enviar para Portugal o mais depressa possivel o importe da nossa subscrição.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150 A.

Seção amena

A pequenita Helena volta da igreja, onde passou umas duas horas, com sua tia.

— Então, filhinha: tiveste muito juizo? estiveste quietinha?

— Sim, senhora. Estive dormindo sempre.

♛

Numa escola clerical:
— Donde é originaria a lagosta?
— Do mar Vermelho.
— Porque?
— Porque é vermelha.
— Muito bem. E o café?
— Da Africa.
— Porque?
— Porque é negro.

♛

Um bispo, em visita á sua diocese, repreendia um vigario por causa das grandes dimensões do calice da missa.

— Mas, respondeu devotamente o vigario, eu, sangue de Jesus Cristo, era capaz de beber até um decalitro!

♛

Entre mãe e filha:
— Já não quero casar com o Alfredo!
— Porque? Tam bom moço... tam rico...
— E' incredulo! Hoje disse-me que não acredita no inferno!
— Casa com ele, minha filha: dentro de bem pouco tempo, eu e tu o convenceremos de que o inferno existe...

VIDA OPERARIA

EM BELO HORIZONTE

Excedendo á nossa espectativa, foi grande a concorrencia ao comicio anunciado pela *Lanterna* e realizado no dia 9 do corrente.

Patenteou-se assim a boa vontade dos trabalhadores de Belo Horizonte para a luta em favor da nossa causa.

Para expôr os intuitos da nossa tentativa em favor da verdadeira organização operaria, falaram os companheiros Aquilino Cendon, Joaquim de Matos e Januario Germano.

Usou em primeiro lugar da palavra o companheiro Aquilino Cendon que, com acerto e entusiasmo, recomendou a organização e como meio de luta a acção directa. Citou a resolução tomada no ultimo e recente congresso operario de Barcelona, firmando a base da sua luta no velho e bem cabido lema: a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores.

Falou a seguir o companheiro Joaquim de Matos que, com palavras vibrantes, evidenciou a mistificação de que estão sendo vitimas os operarios desta cidade. Demonstrou que os abusos praticados agora pelos patrões terão um fim com uma organização séria, que dentro em breve aqui será um facto. Por entre os freneticos aplausos e exclamações da numerosa assistencia, fez um ataque a fundo contra a lei de expulsão de estrangeiros, destinada a prejudicar os operarios. Os escravizadores do Brasil pretendem arrastar para aqui, iludidos com falazes promessas, os operarios, para depois transforma-los em burro-de-carga no trabalho, impedindo-os de manifestar as suas ideias e de serem uteis moral e intelectualmente á coletividade. Aconselhou tambem que se mandasse uma comissão reclamar contra a falta de higiene de varios hoteis, onde homens e mulheres dormem amontoados em pequenos quartos sem luz e sem ar, servindo de cama as mesmas mesas de refeição. Terminou fazendo a apologia da organização sindicalista e aconselhando os trabalhadores a se organizarem sob as suas bases, abandonando as sociedades onde só se preocupa de politicagem.

Por ultimo falou o sr. Januario Germano, moço que bastante se destacou na agitação em favor da jornada de 8 horas.

Com veemencia atacou a exploração burguesa e as violencias das autoridades, incitandos os trabalhadores a se organizarem para a defesa e conquista dos seus direitos.

E assim terminou o nosso comicio, que teve um verdadeiro sucesso.

Belo Horizonte, 10 — 2 — 913.

Ugolino II.

NO RIO

«A Voz do Trabalhador» — Apareceu em 15 do corrente o n. 25 deste magnifico quinzenario sindicalista.

Pela sua criteriosa feitura genuinamente operaria, trazendo sempre excelentes artigos doutrinarios e de combate, assim como valiosas informações sobre a vida proletaria do Brasil, deve ser o orgam da Confederação Operaria Brasileira o jornal preferido dos trabalhadores.

Depois o seu custo está ao alcance de todos: 5$ por 52 ns. e 1$ por pacote de 20 exemplares.

Caixa postal, 1427, Rio, é o seu endereço, bem como o da C. O. B.

EM S. PAULO

Grupo de Acção Sindicalista — E' este o titulo de um grupo em formação em S. Paulo para se dedicar ao trabalho da organização da classe trabalhadora.

Segunda-feira proxima realizar-se-á uma sua reunião na rua do Riachuelo, 43, a ela podendo comparecer os companheiros que se interessam pela obra do grupo.

«O Canteiro» — A União dos Canteiros publicou mais um numero do seu orgam — *O Canteiro*.

O seu endereço é o seguinte: rua Belém, 26, S. Paulo.

Nos chapeleiros — Pedem-nos a publicação da seguinte declaração:

«AOS ACIONISTAS DA MANUFATUREIRA PAULISTA — Nós, abaixo assignado's

declaramos que, tendo sido despachados da Fabrica de Chapéus da Companhia Manufatureira Paulista, pela simples falta de pedirmos algum dinheiro antes do dia do vencimento, o gerente Bossiocio, e o caixa Pompilio mesquinhamente nos culparam que ameaçavamos a fabrica de uma greve, vimos a publico pedir aos srs. acionistas desta fabrica sindicarem se não haverá outros motivos muito mais graves e vergonhosos praticados pelos mesmos e mais alguns.

Podemos acusa-los perante quem quer que seja e para isso estamos ás ordens desta Companhia.

S. Paulo, 17 de fevereiro de 1913.

Antonio Campos, José Walhom, Luiz Cocco, Inacio Escoma, Eugenio dos Santos, Miguel Savini, Claudio Alves Leite.»

EM SANTOS

Festa pró-expulsos — Na proxima quinta-feira, 27 do corrente, realizar-se-á no Coliseu Santista a festa de propaganda, organizada pela Federação Operaria em beneficio das familias dos operarios ultimamente expulsos pela barbara policia deste Estado.

Será representado o drama *A Voz do Povo*, realizando um companheiro de S. Paulo uma conferencia sobre a questão operaria.

E' um dever de solidariedade concorrer a esta festa, cujo fim é tão alevantado.

EM CRAVINHOS

Depois da luta aqui sustentada para a conquista da jornada de 8 horas, conseguida alfim após longa refrega, ficaram os nossos inimigos cheios de furor, esbofando-se sempre para prejudicar os nossos direitos.

Como é natural, entre eles estão os patrões, que andam de rua em rua, como cães danados, perseguindo os companheiros que mais activos foram no movimento grevista.

Temos tambem os crumiros, esses cancros sociais, mixto de inconsciencia, de degeneração e de malvadez, que vivem a servir de instrumento de exploração e de opressão aos açambarcadores das riquezas comuns.

Esses tipos são sempre cheios de preconceitos e vicios e geralmente são tambem pessimas operarios, não sabem trabalhar em oficio algum

Nos lugares onde exercem a sua profissão de traidores, não se palestra sobre ideias para não desagradar os seus senhores. Metem o bedelho em tudo para dizerem asneiras.

Quando se fala na questão social, concordam ora com o socialismo, ora com o anarquismo, sem nada compreenderem desses principios, mesmo porque no seu cerebro não cabem ideias.

São verdadeiros jesuitas no procedimento. Em toda parte chegam como um bando daninho de gafanhotos a colher o fruto amadurecido com o esforço alheio.

O crumiro é considerado como um dos seres mais prejudiciais entre os homens.

Disso tivemos nós a prova no movimento operario de setembro proximo passado. Por essa ocasião apresentaram-se-me dois individuos chegados de Ribeirão Preto, onde temos a velha Liga Operaria.

Apesar dos seus risozinhos de simpatia, descobri por detrás de suas mascaras os traidores que eram.

Felizmente a comissão de propaganda poude anular os seus esforços e evitar que prejudicassem o belo movimento, então no apogeu do seu entusiasmo.

Venceu então a solidariedade.

Entretanto, urge activar a propaganda, fazendo consciencias livres para que a nossa luta emancipadora não seja embaraçada por esses enxertos sociais. — **H. N.**

Bilhetes e recados

Itauna — J. M. F. P.: Foi um ano productivo, não resta duvida. Se em todas as localidades o balanço anual do esforço empregado fôsse igual ao seu... Saudações.

Rio — J. d'A.. Cá temos os originais. Visita-lo-ei quando aí fôr. Saudações.

Juiz de Fóra — T. R. S.: Coisas do correio, amigo. Veremos se doravante recebera. Saudações do pessoal enxofrado...

Jahú — F. B.: Foi satisfeito o seu pedido. Saudações.

Rio — A. M.: Entregamos os boletins aos interessados. Saude!

Rio — Barb.: A peça foi com endereço da caixa da *Voz* para o Busse. E nós que a antecipámos de dois dias... Só pelo teu bilhete verifiquei o *pastel*. Saúde!

Rio — Jango: Falei com os companheiros da U. G., que vão escrever p'ra'í. Recebi o recorte e a nota do pedido. E' preciso evitar que tal aconteça. Parece-me entretanto que vai ter bastante apoio. Saúde!

Sertão de Minas — Z Z: O livro de White já tinha seguido quando recebemos o seu postal. Entretanto faremos a remessa para Portugal pela primeira mala. Foram-lhe remetidos os coupons. Saudações.

Rio — A. Machado: Gratos pelo recorte mandado, que é realmente interessante. Saudações.

Buenos Aires — F. Gicca. Remetemos-lhe os ns. da *Lanterna* que faltavam á sua colecção. Saudações.

Nicteroi — Gildo: Recebidos os folhetos. Deixemo-los correr, esperando que cá possam chegar antes do nosso homem ser posto tambem a correr... Lembranças dos rapazes.

Sete Lagoas — Camundo: Com real agrado E' nosso desejo que fizesseu o mesmo os amigos de outras localidades. Acossariamos assim a fera em todas as suas tocas... Saudações.

Ponte das Araras — J. B. de M.: Remetemos diversos exemplares ao endereço indicado. Saudações.

Belo Horizonte — J. A. & Irmão: Recebemos os 15$ em bilhetes. Saudações.

Sabará — J. de S. C.: Recebemos os recortes para serem publicados. Irão os pacotes. Saudações.

Cravinhos — A. M. A.: Registadas as adesões. Saudações aos companheiros daí.

Londres — Dactus: Recebidas as duas correspondencias. Isso de idade pouco importa; velhos ha com menos criterio que muitas *crianças* nossas conhecidas, cheias de virilidade e bom senso. A exiguidade do nosso espaço obriga-nos a preferir sempre a materia mais em relação com o programa da folha. A pessoa indicada não faz parte da *Lanterna*. Saudações.

Casa Branca — R. M.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Manaus — J. P. de C.: Folgamos muito em travar amisade com mais um companheiro desse longinquo Estado, tão necessitado da propaganda emancipadora. Assim, dentro em breve teremos todo o Brazil ganho pela nossa causa. O outro amigo que nos indica não poderia fornecer-nos endereços de companheiros de Pernambuco? Seguiram os ns. desde janeiro. Saudações a todos os companheiros daí.

Belo Horizonte — A. Zanella: Para a acção sindicalista temos no Rio a nossa esplendida *Voz do Trabalhador* que, com a C. O. B., representa a obra de propaganda e de luta de maior importancia, de premente necessidade e de mais urgencia. Não te parece? Sem uma vasta e forte organização operaria, toda a nossa obra social tornar-se-á nula. «Salute a tutti i compagni di costá!»

? — Conselho da S. S. G.: Em mãos a sua de 5. A correspondencia dos Estados deve ser mantida directamente com esse Conselho. Sobre a *Lanterna* diaria chamamos a vossa atenção para os esclarecimentos do n. 78. Saudações a todos.

S. Simão — J. Peres: Terás sido papado por alguma jaguaterica? E' o que pergunta o Felipe barulhento. Saude! se é que tiveste a sorte de Jonas...

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Grupo Pensamiento Libre — Deste grupo recebemos a seguinte nota:

«Contando com o pessoal suficiente para sua feitura redatorial e material, certos de que a nossa iniciativa seria bem acolhida pelos camaradas de S. Paulo e do interior, lançamos a ideia da periodico acrata *Luz e Vida*, organizando uma tombola com o fim de a levar á pratica.

Fomos mal sucedidos nos nossos bons desejos, concorrendo em grande parte para o fracasso da iniciativa os ultimos acontecimentos de Santos, onde fomos bastante prejudicados com a perda dos companheiros activos expulsos e perseguidos.

Não podemos deixar de aqui registar o procedimento dos profissionais da critica, que andaram a assoalhar que a nossa obra era uma obra de especulação, ou que eramos uns incompetentes e mil coisas mais.

Desprezando todas essas mesquinharias, dizemos sómente que o nosso intuito era trabalhar com sinceridade pela nossa propaganda sem ter em conta as pretenções de literatices ou gramatiquices.

E aqui vai o nosso balancete:

DESPESAS

Gastos com a tombola, pela impressão de 3.000 cartões	50.000
Despesas de correio e com a viagem dum delegado a Santos	20.000
Custo do 1.º premio	120.000
Idem 2.º »	60.000
» 3.º »	80.000
» 4.º »	300.000
» 5.º »	60.000
» 6.º »	12.000
» 7.º »	15.000
Total dos gastos,	717.000

ENTRADAS

De Santos	29.000
De Sorocaba	40.000
Do Rio Grande do Sul	40.000
De Jahú	20.000
De Campinas	20.000
De Baurú	50.000
De Atibaia	15.000
De S. Paulo	168.000
Total das entradas,	382$000

Deficit até o momento de se efectuar a extração, 335$000.

A extração realizou-se, como já haviamos anunciado, no dia 9 do corrente mez, ás 2 horas da tarde, sendo os seguintes os numeros premiados.

premio	numero
1.º	2685
2.º	683
3.º	569
4.º	1934
5.º	461
6.º	869
7.º	582

NOTA — Pela publicação no *Estado de S. Paulo* do dia 11 do corrente mez, 5$600.

O grupo concede o praso de tres meses para as reclamações.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* ..... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* .... 1$500
Raymundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos) ..... 3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* ... $200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia* .. 3$000
Reflexões (verdades para o povo) $300
Almanaque d'«O Livre Pensador» $800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato* $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco* $200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* $200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa* $200
José Prat, *A burguezia e o Proletariado* $300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres) $200
Enrico Malatesta, *A Anarquia* $400
Chave do Esperanto $100
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* $200
José Rizal, *Noli me tangere* ... $800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* $200
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* ..... 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* 2$000
Octaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionais em 2 actos) 1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* $200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* ..... 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* ..... 2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia* . $200
F. Challaye, *O Sindicalismo*. $600
Pedro Krapótkine, *Os Bastidores das guerras*. $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* $200
F. Domela Nieuwenhuis, *A mulher e o militarismo* $100

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo* $200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* ..... 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* .. $200

EM FRANCÊS

Jean Grave, *L'entente pour l'action* $200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
Elisée Reclus, *Evolution e Révolution* $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . $100
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére* $200
Louis Blanc, *Quelques Vérités Economique* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* $100
» » *L'Esprit de Révolte* . $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* $200
Dirrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . . $100

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal* $100
Por «El Motin» *Almanaque del Carlismo para los años 1913 a 1999* ..... 1$200
E. Malatesta, *Entre Campesinos* $500
» *La Anarquia* $500
Pablo Lafargue, *El derecho á la pereza* $700
Federico Nietzsche, *Opiniones*. $700
Juan Grave, *Educación burgueza y Educación Libertaria* $500
Juan Grave, *La Sociedad del Porventr* $700
Federico Engels, *Socialismo utópico y Socialismo científico* ... $500
Juan Jaurés, *La Paz y el Socialismo* $700
Julio Guesde, *La ley de los Salarios* $500
Emilio Littré, *El árbor del bien y del mal, la idea de justisia* $700
Max Nordau, *Crítica Contemporanea* $500
Augusto Bebel, *Socialización de la Sociedad* $700
Ernesto Renan, *El Liberalismo Clerical* $500
Alderto Richard, *Manual del Socialista* $700
Emilio Vandervelde, *El Socialismo Agrícola* $500
Pedro Gori, *La Anarquia ante los tribunales* $500
Camilo Flammarion, *Um viage por los Cielos* $700
Herbert Spencer, *Demasiadas leyes* $700
Mauricio Maeterlink, *La Justicia* $700
León Tolstoy, *Lo que yo pienso de la guerra* $700
León Tolstoy, *Nuevas Orientaciones* $700
» » , *Los tiempos nuevos* $700
Pedro Kropótkine, *Un Siglo de espera* $500

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Obras da Escola Moderna de Barcelona

Todas estas acima são encadernadas.

Pelo correio mais 300 réis por volume.

Cartilla, primer libro de lectura ..... 1$000
Las Aventuras de Nono, Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume ..... 1$800
El Niño y el Adolescente. Desarrolo normal — Vida libre. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume ..... 1$800
Preludios de la lucha, Segundo libro por F. Pi y Arsuaga 1 volume ..... 1$800
Sembrando Flores. Segundo libro por Federico Urales, 1 volume 1$800
Correspondencia Escolar. (primer manuscrito) por Carlos Malato 1$800
Psicología Etnica importantissimo estudio científico-sociológico de la humanidad, 4 vol. 7$200
Tierra libre. Fantazia comunista) por Jean Grave, 1 volume 1$800
Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume... 1$500

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.

El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo)
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

FOLHETIM DA LANTERNA (34)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

X

A PERSEGUIÇÃO

O sargento, que roncava numa cama de campanha, foi acordado por um soldado e ergueu-se de mau humor.

— Que é?

— Amigo, queria dizer-vos duas palavras.

O sargento reconheceu o fidalgo e seguiu-o até fora.

— Amigo, disse o marquez, precisamos absolutamente de sair esta noite, já.

— Impossivel, senhor, disse o sargento com firmeza.

De Maillefeu fingiu-se desesperado e disse ao ouvido do sargento:

— Então havemos de deixar mortificarem-se duas mulheres bonitas que nos esperam?

O sargento cofiou os bigodes, sorriu e disse:

— Sinto muito, sr. marquez, mas as instruções são sevéras, sobretudo estes ultimos dias...

O marquez tirou do bolso um punhado de moedas de oiro e prata e estendeu-as ao sargento, que arregalou os olhos, tentado.

— Mas é que serei castigado... murmurou ele debilmente.

— Ninguem o saberá! Nós nada diremos. Dizei aos nossos homens que se deitem: é o que eles querem. Depois vinde em pessoa abria-nos a porta...

O sargento circunvagou o olhar e estendeu a mão ao oiro tentador. Depois entrou no posto.

Passados cinco minutos, estava de volta, esperando-o, desmontados, os dois fidalgos.

— Depressa! disse ele.

Não havia ainda introduzido a chave na fechadura, quando se sentiu vigorosamente agarrado e amordaçado, ficando atado num momento. Os dois amigos abriram então a porta e montaram a cavalo.

De repente, ouviu-se o galope desentreado de dois cavalos, e logo atrás, a cincoenta passos, um grupo frenetico, fantastico, de sombras, avançando como uma tromba.

— Veem perseguidos! exclamou d'Etallondes, saltando ao chão.

— Fechai a porta! bradou ao longe uma voz.

No mesmo instante, Salverio e João transpuseram a porta, desaparecendo pelo caminho.

— A cavalo! gritou o marquez ao visconde.

— Fogo! fogo! matai-os! rugiu a mesma voz.

Os perseguidores chegaram como um pé de vento, e de subito levantou-se um clamor confuso, feito de gritos de dor, de pragas e de relinchos. D'Etallondes fechara a porta. Um dos perseguidores despedaçou o craneo e caiu, rolando os outros sobre ele, numa desordem indescritivel.

Montando lestamente a cavalo, d'Etallondes lançou-se, com de Maillefeu, no encalço de João e Salverio, que foram alcançados a um quarto de legua da porta.

— Então? perguntou o marquez.

— Escapou-nos, respondeu Salverio.

— Era ele quem vos perseguia?

— Creio que sim.

— Nesse caso, estamos todos perdidos. Urge fugir para Inglaterra, todos quatro.

Salverio abanou a cabeça.

— Amigos, disse o Cavaleiro, ide vós: já estais muito comprometidos.

— E tu?

— Eu vou a Paris.

— A Paris?

— Sim: para lá é que foi levada Margarida.

— Está bem, vamos contigo, disse d'Etallondes. Não é verdade, de Maillefeu?

— Isso nem se pergunta.

O Cavaleiro estendeu-lhes as mãos, comovido.

— Eu já calculava que ficarieis conosco até ao fim, disse Salverio. Agora precisamos de organizar a viagem. Uma vez salva Margarida, voltarei a Abbeville para arranjar duma vez os meus negocios particulares.

— E nós ajudaremos, disse de Maillefeu. Estamos unidos pelos ideias, pelo fim e pelo perigo comum. Temos os mesmos inimigos. De Belleval sabe que estamos juntos; o sargento do posto reconheceu-nos.

— O essencial agora é chegar a Paris antes dele.

— Pois a caminho!

— Sim, disse d'Etallondes, mas passemos por Francières. Mudaremos os cavalos e saberemos talvez noticias dos nossos dois aliados.

XI

OS MISERAVEIS

Quando da choupana de Germano saiu soror Santa Madalena, no dia em que Estocada a interrogou, Germana murmurou:

— Graças a esta boa freira, ainda temos vida para dois ou três dias.

— E' verdade, replicou Germano com voz sombria: para dois ou três dias...

Houve um minuto de penoso silencio.

— Mas depois? ajuntou o excarcereiro.

Neste momento, o pequeno Gil, deitado num lamentavel leito de folhas secas e palha, soltou um debil gemido. A mãe tomou-o nos braços e começou a chorar silenciosamente, olhando-o através das lagrimas.

— Olha como Gil está hoje palido! disse ela de repente.

A fronte da criança ardia, mas o corpo estava frio.

— Aviva o fogo! disse ela.

Germano atirou para a lareira um punhado de lenha. A criança, porêm, não se aquentava, e então a mãe apertou-a nos braços. Alguns minutos depois, Gil pareceu aliviado.

O dia decorreu tristemente, e no dia seguinte o pequeno piorou, abrindo apenas de vez em quando os olhos, para os fixar queixosamente na mãe, e recusando qualquer alimento.

— Nosso filho morre! gemia Germana.

O marido não respondia, soturno.

Decorridos mais dois dias, esgotaram-se as previsões. Germana procurava aquecer o pequeno, mas este estava cada vez mais livido e frio.

Dormitava agitadamente, e a sua respiração breve e sibilante era o unico ruido sentido na choupana. Apenas, de vez em quando, Germana repetia com voz monotona:

— O meu filhinho morre... o meu pobre filhinho...

— Escuta, Germana, disse de subito o ex-carcereiro.

Germana levantou a cabaça, estremecendo: a voz do homem causava-lhe susto.

— Que queres?

— Ha dias que penso na coias.. Somos desgraçados demais... E' preciso acabar com isto...

— Deus terá piedade de nós, Germano.

— Deus! exclamou amargamente o homem. Está todo ocupado em socorrer os ricos e os felizes deste mundo...

— Não blasfemes, meu pobre Germano!

— Supõe que a freira não possa voltar. Isto ha de suceder um dia ou outro. Havemos de morrer de fome? Se não vier dentro de três dias, é o que nos acontecerá. Pois bem: morrer por morrer, é melhor que seja já.

— Queres matar-te? disse Germana sem espanto

— Sim, é melhor acabar já. Que achas?

Germana ia responder, quando Gil abriu os olhos, balbuciando:

— Mamã...

— Filhinho...

— O papá... tem... razão...

Marido e mulher entreolharam-se aterrados.

— Sim... sofre se... demais... demais... sim... mais vale morrer... Que bom... morrermos... todos juntos... não sofrermos mais...

A mãe tapava a boca para não gritar de dor e o pai escutava atentamento, dizendo por fim:

— O pequeno diz bem!

Gil, que se calara, prosseguiu depois:

— Mamã... mamã... parece que vou... morrer... primeiro que todos... Não quero... não quero... Quero todos juntos...

— Meu filho! rugiu a mãe desesperada. Meu filho vai morrer! Então, não ha nada lá em cima? Ouves? Vai morrer!... Germano! Germano! acode-lhe! Socorro! socorro!

O homem pôs-se de pé aterrado, e fugiu para um canto, com as mãos nos ouvidos, a gritar:

— E' horrivel! é horrivel!

Caira a noite. Dentro, bruxoleava apenas a chama expirante do lar.

— Germano! exclamou a mãe. Por piedade! eu não posso ver morrer meu filho... Corre ao convento... suplica á freira que venha... talvez saiba algum remedio.

— Vou... morrer... murmurou a criança.

O pai lançou-se para o caminho, a correr, soluçando. Na portaria do convento, a irmã rodeira fez objecções.

— Mas meu filho morre! Ide dizer-lhe isso, e ela virá com certeza...

— As religiosas não podem sair a estas horas.

— Então, vou eu mesmo busca-la! rugiu Germano, ameaçador.

A freira decidiu-se, resmoneando. Soror Santa Madalena, despertada, obteve licença de sair: a superiora precisava de estar bem com ela. Silenciosos, Germano e a freira, que se prevenira com alguns medicamentos ao acaso, puseram-se a caminho da choça.

Soror Madalena nada viu ao entrar: a choupana estava mergulhada nas mais densas trevas. Quando Germano, tremulo, acendeu uma tocha de resina, viram Germana agachado ante o berço de palha, com uma indizivel expressão de espanto, com os olhos fixos no pequenito, livido, rigido, pedaço de cera a destacar-se sinistramente sobre o fundo de ouro da palha e das folhas secas. Como o pai se curvasse, cairam alguns pingos de resina sobre a mão da criança, sem que esta fizesse o menor movimento.

— Morto! exclamou ele com voz rouca.

(Continúa).